APRESENTAÇÃO

O historiador Marc Bloch, em suas obras, apresentou de forma primorosa a história e tudo o que envolve o ofício do historiador, como a análise e observação históricas, e os testemunhos da história, os documentos. Nesse aspecto em particular, nos recordou, com propriedade, que “a despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito de não se sabe qual misterioso decreto dos deuses”.¹ Bloch afirmou que os documentos existentes em arquivos e bibliotecas são resultado de ações humanas, que merecem o olhar criterioso de nossa análise, e sinalizam os vários caminhos e descaminhos pelos quais percorreram e viveram estes testemunhos até chegar às nossas mãos e nossos textos. E ainda completou, dizendo que “todo livro de história digno desse nome deveria comportar um capítulo ou, caso se prefira, inserida nos pontos de inflexão da exposição, uma série de parágrafos que se intitulariam algo como: ‘Como posso saber o que vou lhes dizer?’”.²

Pensar *Arquivos e história das ciências* veio justamente como uma maneira de buscar e conhecer os caminhos percorridos por pesquisadores e estudiosos em história das ciências para a realização de suas pesquisas e construção dos conhecimentos neste campo de estudos. Como lhes foi possível, diria Bloch, saber aquilo que nos dizem em suas obras?

O tema é tão amplo quanto difícil é reunir, num único número, uma amostra representativa da relação entre fontes e o conhecimento que com elas se pode produzir. Como resolver o problema da abrangência quase infinita? Que pesquisadores teriam possibilidade de dispensar tempo, sempre escasso, para registrar experiências, comentar as fontes que costumam utilizar ao estudarem assuntos atinentes a uma determinada ciência, proporem-se a divulgar subitamente resultados de uma pesquisa específica aos leitores de *Acervo*? E onde se encontrariam as fontes a que recorreram? Qual o estado desses documentos em matéria de organização e conservação? Estariam as fontes acessíveis a todos? São as fontes disponíveis que sugerem pesquisas ou são as indagações *a priori* que levam à busca de fontes para respostas e interpretações?

1 BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 83.

2 Idem.

As pesquisas no campo da história das ciências, desde as últimas décadas do século XX, vêm afirmando a necessidade do abandono de algumas concepções até então presentes em abordagens tradicionais, especialmente a visão triunfante da ciência, expressa na ênfase aos “grandes” eventos e personagens, e a ideia da evolução linear na trajetória das instituições e na produção do conhecimento. A ciência deixaria de ser compreendida como uma entidade autônoma e regida unicamente por leis internas de racionalidade, e centrada somente no estudo da estrutura conceitual e lógica do conhecimento científico, passando a ser entendida por muitos estudiosos como uma atividade social, sujeita ao contexto em que foi produzida. A ciência como objeto de investigação foi então redefinida, surgiram novas questões e formas de abordá-las, e estas implicaram uma determinada metodologia de análise e a definição de novas fontes. Ampliou-se, sobremaneira, o cenário de fontes, na medida em que compreendemos também como elementos constitutivos destas ciências seus atores (profissionais, professores, cientistas, gestores), seus espaços institucionais (instituições de ensino e de pesquisa, laboratórios, órgãos oficiais), e seus espaços de representação (associações profissionais, sociedades científicas e periódicos).

Tema tão vasto estimulou uma chamada de artigos para além dos canais normais utilizados, buscando-se interlocutores especializados em áreas não tradicionalmente abordadas pelas ciências humanas, tanto áreas governamentais quanto estritamente acadêmicas. O que reunimos aqui é o resultado desse esforço, um instantâneo daqueles que superaram condições adversas para elaboração de um artigo e que conseguiram, a tempo, se fazer presentes.

O dossiê foi cuidado especialmente pelos editores convidados pela Comissão Editorial da revista, que, por sua vez, contaram com colaborações estratégicas, ambas do Arquivo Nacional: Maria Elisa Bustamante, na tradução de original em inglês e na revisão de resumos em outros idiomas; e Ângela Laranja Mandosio, que, em tempo recorde, transpôs para o papel a intensa entrevista realizada com pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz. A entrevista, aliás, foi enriquecida com a participação de outros estudiosos que compuseram a equipe responsável pela institucionalização da linha de pesquisa no campo das ciências da vida na Fiocruz, nas últimas décadas do século XX. Voltar no tempo de uma hora para outra, recordar fatos e reconstituir processos passados trinta anos não é um exercício fácil e a participação conjunta de Jaime Benchimol, Flavio Edler, Magali Romero Sá e da própria Maria Rachel Fróes da Fonseca foi de extrema importância para melhor se precisar datas, ressaltar eventos e refletir sobre ações e contextos.

Por fim, registramos um especial agradecimento às participações de Anne Folger Staples Dean, do México, e de Pamela Henson, do Smithsonian Institution Archives, que interromperam os respectivos reduzidos períodos de folga para atender à revista, seguindo à risca os prazos combinados.